

É POSSÍVEL CONFIAR NO FUTURO  
QUANDO É IMPOSSÍVEL ESQUECER O PASSADO  
E O PRESENTE É UMA CANÇÃO SOBRE AMOR E TRAIÇÃO?

S.C. STEPHENS

Nº 1 da lista de best-sellers do *New York Times*

# COMPLICADO DE MAIS

TRILOGIA ROCK STAR LIVRO 2

valentina 

COMPLICADO DEMAIS

# TRILOGIA ROCK STAR

LIVRO 1  
INTENSO DEMAIS

LIVRO 2  
COMPLICADO DEMAIS

LIVRO 3  
PERIGOSO DEMAIS



S.C. STEPHENS

TRILOGIA ROCK STAR LIVRO 2

COMPLICADO  
DEMAIS

*Tradução*  
Kenya Costa

valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição

Copyright © 2010 by S. C. Stephens  
Publicado mediante contrato com Gallery Books, um selo do grupo Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
*Effortless*

CAPA  
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA  
Moment/Getty Images

DIAGRAMAÇÃO  
editorfarte

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S855c

Stephens, S.C.

Complicado demais / S. C. Stephens; tradução Kenya Costa. – 1. ed. – Rio de Janeiro:Valentina, 2014.  
440p. ; 23 cm. – (Rock Star; 2)

Tradução de: *Effortless*

Sequência de: *Intenso Demais*

Continua com: *Perigoso Demais*

ISBN 978-85-65859-38-7

1. Romance americano. I. Costa, Kenya. II. Título. III. Série.

14-14207

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Obrigada a todos os fãs que gostaram de*

*Intenso Demais e pediram uma continuação!*

*E um obrigada especial a Monica, Nicky, Becky, Jenny,*

*Natalie e todos os que me ajudaram a publicar este livro!*

## Capítulo 1

# MEU NAMORADO, O ROCK STAR

**D**e acordo com o cara da previsão do tempo na tevê, era o verão mais quente já registrado em Seattle. Como fazia pouco mais de um ano que eu estava lá, acreditei na palavra do bom homem. Enquanto levava empurrões e esbarrões, sentia o calor da tarde na pele pegajosa de cada pessoa que encostava em mim. Era nojento ter que aguentar todos aqueles estranhos se esfregando no meu corpo, ainda mais quando alguns achavam que o fato de estarmos espremidos feito sardinhas lhes dava o direito de invadir o meu espaço pessoal. Dei mais tapas em mãos naquela única tarde do que durante todo o tempo em que trabalhei no Pete's.

Rios de suor me escorriam pelas costas da blusa, e por um momento me arrependi de ter escolhido aquele visual. Dando uma olhada no céu turquesa sem nuvens, o sol do meio-dia bateu em cheio nos meus olhos, me cegando. Enrolei as mangas da blusa preta e a suspendi com um nó acima do umbigo, como a Mary Ann em *Gilligan's Island*.

Mas então sorri, lembrando por que a estava usando e o que estava fazendo no meio daquela multidão de corpos suados. Olhando para o palco vazio que se erguia além das filas de gente úmida à minha frente, meus nervos estavam à flor da pele. Hoje era o grande dia de Kellan e sua banda. Eu dava pulinhos de expectativa, esperando que ele entrasse naquele palco. Sabia que ia correr para o microfone a qualquer momento, e a galera que o esperava ia fazer uma gritaria de rachar os tímpanos.

Eu mal podia esperar.

Alguém a meu lado segurou meus braços nus:

– Dá para acreditar, Kiera? Nossos garotos vão tocar no Bumbershoot!

Olhei para Jenny, minha melhor amiga, colega e confidente. O rosto dela não estava coberto de suor como o meu; pelo contrário, sua pele estava fresca como uma rosa. Mas



o brilho de excitação no seu olhar era idêntico ao meu: seu namorado também ia tocar no festival de música de Seattle pela primeira vez.

Dando um gritinho em minha ansiedade crescente, apertei os braços dela:

– Pois é! Mal posso acreditar que o Matt descolou um show para os D-Bags aqui. – Balancei a cabeça, impressionada com o fato de que meu namorado iria tocar no mesmo local em que Bob Dylan se apresentaria à noite. Hole e Mary J. Blige se apresentariam nos próximos dois dias.

Jenny olhou para um estranho que tinha esbarrado nela; o cara parecia totalmente bêbado. Ela virou a cabeça para mim, seu rabo de cavalo louro roçando meu rosto, e deu de ombros.

– Evan disse que teve que ralar muito para conseguir um espaço para eles aqui. E no horário nobre! Segunda-feira, uma tarde perfeita de verão, e bem entre dois grandes shows. Não podia ser melhor!

Inclinou a cabeça para o céu. Os raios de sol brilhavam nas letras brancas da sua blusa preta igual à minha, uma blusa que homenageava o nome completo da nossa banda favorita – Douchebags –, embora eles o tivessem abreviado para D-Bags, por uma estratégia de marketing.

Quando ela virou o rosto para mim, concordei:

– Ah, é, o Kellan disse que...

Uma súbita erupção de som interrompeu minha conversa, e meus olhos foram automaticamente para o palco. Com um largo sorriso, fiquei olhando para o que prendia totalmente a atenção da galera barulhenta. Nossos D-Bags tinham finalmente decidido honrar o público com sua presença.

A multidão aglomerada diante do palco ao ar livre começou a pular e gritar quando Matt e Griffin apareceram. Contido como sempre, Matt brindou as fãs com um sorrisinho e um breve aceno, e então caminhou em silêncio até o microfone e ajeitou a guitarra. Gritei seu nome, mas a cacofonia reinante abafou minha voz, impedindo o guitarrista dos D-Bags de me ouvir. Parecia nervoso, seus olhos azul-claros percorrendo a galera, enquanto prendia a guitarra ao ombro.

No extremo oposto da escala, Griffin, o primo de Matt exibicionista e tarado, corria de um lado para o outro do palco, dando *high five* nas mãos do pessoal e desferindo socos no ar. Seus olhos azul-claros deram uma geral na multidão e, embora não fosse seu nome que eu gritasse, ele me ouviu mesmo assim. Localizando a Jenny e a mim a vários metros do palco, apontou para nós. Em seguida, levou os dedos à boca, formando um V, e começou a fazer gestos com a língua que deixaram meu rosto ainda mais quente do que já estava debaixo daquele solão. Na mesma hora, desviei os olhos.

Várias pessoas perto de mim e de Jenny caíram na gargalhada, olhando para nós. O que triplicou a minha vergonha.

– Uhuuu, Griffin! – exclamou Jenny, atrevida, para logo em seguida cair na risada junto com a galera. Balancei a cabeça, desejando que minha irmã, Anna, não estivesse na sessão de fotos para o calendário do Hooters logo hoje, pois assim poderia tentar manter o pseudonamorado na linha.

Evan entrou no meio da exibição e, ao ver Griffin nos assediando sexualmente, olhou na nossa direção. Abriu um sorriso e acenou, soprando um beijo para Jenny. Ela o agarrou no ar e soprou um para ele também. O sorriso dele ficou ainda maior, mas, já tendo nos cumprimentado, virou-se para observar a cena, e seus olhos escuros pareceram espantados com o que viram. Seu olhar me fez sorrir, feliz por ver aquele cara de bom coração parando um momento para curtir seu sucesso.

Em seguida, os gritos se tornaram tão altos que meus ouvidos começaram a zumbir. Cheguei a estremecer de dor. As garotas ao meu lado, todas parecendo ter seus quatorze anos, começaram a apertar os braços umas das outras, exclamando:

– Ai meu Deus, olha ele lá. Ai meu Deus, ele é tão gostoso. Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus!

Abri um sorriso e balancei a cabeça, achando graça de ver como o meu namorado roqueiro tinha o poder de balançar as pessoas. Claro que eu podia entender perfeitamente. Só Deus sabe como ele tinha me balançado no começo. E ainda balançava. Só de vê-lo entrar em passos altivos e confiantes no palco, o palco de que ele tomava posse com cada fibra do seu ser, meu corpo se encheu de desejo por ele.

Kellan caminhou lentamente em direção ao microfone. Ou talvez aquele fosse seu andar normal, e minha cabeça é que estivesse funcionando em câmera lenta. Por algum motivo, ele pareceu demorar uma eternidade para chegar ao seu destino. Levantou uma das mãos, acenando para a galera eletrizada que berrava seu nome, e passou a outra por aqueles cabelos cheios e revoltos de quem acabou de acordar. O calor e o suor arrepia-vam a massa louro-escuro em mechas ainda mais loucas, de um jeito que dava vontade de devorar Kellan.

Mordi o lábio enquanto ele colocava o microfone no lugar. Deu uma geral na galera enquanto ajustava a altura do suporte. Por experiência, eu soube o que as fãs na primeira fila sentiram quando aqueles olhos azul-escuros quebraram como ondas em cima delas. Kellan tinha um jeito de olhar para a pessoa que fazia com que ela se sentisse como se não houvesse mais ninguém no mundo, mesmo com uma multidão ao redor. Junte-se a isso aquele sorrisinho sensual no rosto, e aí estava um homem capaz de deixar qualquer mulher acesa com um único olhar. Aliás, ele estava me deixando acesa naquele exato momento, e ainda nem tinha me visto.

Quando ele virou o rosto – esperei que procurando por mim no meio da galera –, estudei o contorno do seu queixo – forte, másculo, tão sexy que chegava a dar aflição. Obviamente, as garotas atrás de mim também achavam. Em meio à gritaria, deu para



ouvir com a maior clareza: *dou casa, comida e roupa lavada e ô lá em casa*. Resisti ao impulso de me virar e avisar a elas que Kellan era meu, em vez disso fixando meu olhar nele. Sabia que não devia ficar enciumada ou irritada com suas fãs, mas os comentários dessas eram muito menos fofos do que os anteriores, das adolescentes.

Quando os olhos de Kellan terminaram de inspecionar a primeira metade do público, eles avançaram na minha direção. Como num passe de mágica, ele nos localizou no mesmo instante. Jenny acenou, e então pôs os dedos na boca e assobiou. Fiquei vermelha e sorri quando aqueles olhos de uma intensidade extraordinária encontraram os meus. Ele acenou com a cabeça e disse por mímica labial: *Eu te amo*.

As garotas idiotas atrás de mim começaram a gemer, como se ele tivesse falado com elas. Mais uma vez, contive o impulso de lhes informar que Kellan era meu. Não mudaria em nada a opinião delas em relação a ele, e só daria margem a perguntas intermináveis sobre nossa vida privada, assuntos que eu não queria discutir com estranhos. Eu já tinha aturado demais esse tipo de coisa na faculdade antes mesmo de Kellan e eu começarmos a namorar.

Em vez disso, respondi discretamente, por mímica labial, que também o amava, e levantei os dois polegares. Ele riu do meu gesto, sacudindo a cabeça, e vi o quanto estava confiante de que iria arrasar naquele palco. E iria mesmo. Era como se Kellan tivesse passado a vida inteira se preparando para esse momento, tocando em barezinhos e clubes de Los Angeles e Seattle.

Passando a guitarra por sobre o ombro, ele envolveu o microfone na mão. Os gritos se intensificaram quando ficou óbvio que ele iria falar. Acima do sistema de som, ouvi sua risada simpática, e então *Olá, Seattle!*. As garotas ao meu redor deram pulinhos, gritando o nome dele. Achando graça, tentei me afastar de algumas das fãs mais excitadas, mas, sem ter para onde ir, acabei por esbarrar em dois sujeitos à minha frente.

Eu já murmurava um pedido de desculpas ao ver o olhar zangado deles para mim, quando ouvi a voz de Kellan de novo:

– Caso vocês não saibam, nós somos os D-Bags... – parou durante outra longa sessão de gritos – ... e temos uma coisa para vocês... se quiserem!

Arqueou uma sobrançelha, lançando para as mulheres na primeira fila um olhar um pouco sensual demais para o meu gosto. Mas eu sabia que era apenas uma encenação. Enquanto seu rosto dizia com a maior clareza *Transa comigo mais tarde*, não era o que estava no seu coração. Era eu que estava no seu coração. Pois se estava até tatuada em cima dele! Quer dizer, meu nome estava, pelo menos. Sorri, curtindo o fato de nem uma única mulher ali presente ter conhecimento da sua obra de arte oculta. Quer dizer, além de Jenny.

Ele levantou um dedo para acalmar os fãs. Por incrível que pareça, eles obedeceram.

– Vocês querem? – perguntou, num tom provocante. Eufórica, a multidão deixou claro que queria. Jenny respondeu gritando entre as mãos em concha, e eu fiz o mesmo.

Notei que Matt balançava a cabeça, sorrindo ao flexionar a mão. Evan agora estava sentado diante da bateria, balançando o corpo ao som de um ritmo que só ele ouvia e girando uma baqueta nas mãos. Enquanto os olhos de Kellan percorriam a galera, vi Griffin tentando convencer algumas garotas a levantar a blusa. Mas não continuei olhando para saber se caíram na sua conversa ou não.

Kellan levou a mão ao ouvido:

– Bem, já que querem, tenho que ouvir vocês pedindo. – A multidão foi ao delírio e gritou, e as garotas atrás de mim fizeram mais comentários obscenos, mas não me importei. Já não estava mais dando a mínima para nenhuma delas, pois Kellan olhava direto para mim, e a pura felicidade que vi estampada em seu rosto foi o bastante para fazer com que aturar todas aquelas mulheres atrevidas, caras indecentes e estranhos seus valesse totalmente a pena.

Foi como se sua alma ganhasse vida quando ele sorriu para mim. Kellan adorava se apresentar. Além de mim, era a única coisa para a qual vivia. Ele agia como se não se importasse, como se fosse algo que fizesse apenas para ocupar as noites, mas, depois de passar tanto tempo com ele, eu começava a entender que esse era apenas um de seus mecanismos de defesa. Uma parte dele temia que a música fosse arrancada de sua vida. Ele não cresceram em circunstâncias favoráveis, muito pelo contrário, vivera uma infância horrível que teria feito a maioria das pessoas correr direto para a bebida e as drogas. Mas Kellan tinha encontrado a música, e fora ela, junto com um apetite sexual extremamente saudável, que o salvara de passar a vida inteira se viciando para se anestesiarem.

Kellan girou o pulso para trás, e Evan, que já esperava a deixa, imediatamente começou a tocar.

A música era rápida, fácil, e, embora eu já a tivesse ouvido milhões de vezes, comeci a pular de excitação. Havia qualquer coisa de eletrizante nos corpos suados que se esfregavam em mim, nas vibrações ensurdecedoras da música amplificada, no sol escaldante que batia em cheio sobre todos nós, e experimentei um pico de adrenalina. Eu bem podia imaginar como Kellan estava se sentindo.

Sua voz entrou na música, perfeitamente no ritmo. Não importava o que estivesse sentindo *fora* do palco, *no* palco Kellan era um profissional. Os ensaios incontáveis e os pequenos shows na área tinham rendido frutos; sua voz estava espetacular. Um grito agudo de mulher se elevou acima da multidão, enquanto a voz dele se espalhava por toda a arena. Estava cantando uma música mais antiga, um clássico dos D-Bags, e várias pessoas ao meu redor o acompanhavam. Para mim, que já vira Kellan escrevendo canções, era mágico presenciar suas letras sendo repetidas de volta para ele, principalmente por um público dessas dimensões.



Ele não cabia em si de contente ao tocar e cantar. Um meio sorriso de uma sensualidade hipnótica se esboçava nos seus lábios. Nunca deixava de me espantar que ele conseguisse cantar e tocar guitarra ao mesmo tempo, quando eu mal conseguia fazer uma coisa ou outra. Jenny acenou com as mãos no alto, gritando para prestigiar o namorado. Fiz o mesmo, feliz por ter podido vir dar uma força para Kellan – para todos eles. Bem, talvez não para Griffin.

A música terminou com uma reação estrondosa do público, o que impressionou até os caras que estavam na minha frente. Fiquei em êxtase por Kellan e os D-Bags. Eles mereciam esse sucesso. Para o número seguinte, Kellan tirou a guitarra e puxou o microfone do suporte. Esse palco era mais amplo que o do Pete's e, com um espaço maior para sua movimentação, Kellan também tinha mais liberdade para paquerar. Começando a próxima canção, seus olhos seduziram as fãs de um jeito que eu só estava habituada a vê-los seduzirem a mim.

Isso me incomodou um pouco, mas deixei pra lá. Ele só estava entusiasmado por participar do festival, e ávido para se apresentar. Tinha retomado a persona sexualmente agressiva que eu vira da primeira vez, o mesmo comportamento erotizado que me parecera excessivo desde meu primeiro olhar para ele, mas a plateia estava adorando. Mãos se estendiam de toda parte na sua direção, mesmo de filas atrás de mim. Eu não entendia muito bem o que essas mulheres esperavam que ele fizesse. Que se atirasse do palco entre elas? Franzi o cenho, torcendo para que ele não chegasse a esse ponto, porque, se o tombo não lhe tirasse um pedaço, as mãos delas certamente se encarregariam de fazer isso.

Quando ele apoiou o pé num alto-falante e se inclinou para segurar a mão de uma fã, fiquei imaginando o que motivara sua escolha. Será que tinha gostado dos cabelos da garota? Será que ela era a mais entusiasmada naquela parte da plateia? Será que tinha os melhores... atributos vocais? Balançando a cabeça diante de minhas inseguranças, tratei de não pensar mais nelas. Ele tinha tantas coisas em que se concentrar no palco, que na certa nem estava pensando, apenas atendendo a uma fã que queria mais atenção. E é claro que elas podiam tocar nele. Eu não era nenhuma megera ciumenta para não poder suportar algumas carícias. Dentro dos limites do razoável, é claro.

E Kellan sabia manter a maior parte das suas paqueras dentro dos limites do palco. Nunca agia daquele jeito no nosso dia a dia. Não dava nem para saber que ele era praticamente um rock star quando não estava se apresentando. Sério, ele podia parecer meio preguiçoso para o observador desavisado, mas eu sabia que sua cabeça estava sempre a mil, mesmo quando ele estava apenas tomando umas cervejas no bar.

À medida que a temperatura subia durante o show, fiquei imaginando se Kellan iria tirar as roupas. Não era uma ideia ridícula; ele já fizera isso uma vez enquanto cantava. Aliás, duas vezes, pelo que eu ouvira falar. Enxugava o suor com a barra da

camisa sempre que tinha uma chance, puxando-a de um jeito que revelava aquele abdômen definido maravilhoso. Com a erupção de gritos que se seguiu quando fez isso, tive certeza de que a galera aprovaria se ele decidisse tirar tudo. Ou, pelo menos, o principal.

Mas não sabia se gostava de ver as mulheres devorando meu namorado com os olhos daquele jeito. E nem se gostaria de ver sua tatuagem sendo exposta. Essa ideia quase me incomodava mais ainda. Mas, depois de uma enxugada rápida, ele sempre deixava a camisa branca cobrir a barriga de novo. Eu preferia acreditar que ele queria manter a tatuagem como um segredo precioso, compartilhado apenas por nós dois. E era assim que devia ser. Embora estivesse no seu corpo, era extremamente pessoal para nós, algo que tanto o mantinha ligado a mim quando estávamos separados como contribuía para consolidar nosso vínculo quando nos reencontrávamos.

Quando o prazo para a apresentação acabou, os membros da banda fizeram reverências curtas, e Kellan agradeceu ao público por comparecer. Estava mais feliz do que eu jamais o vira, ao se afastar do palco. Seus olhos procuraram os meus por um momento em meio à multidão. Não, eu estava enganada. O olhar que ele me deu naquele momento, sim, era o mais feliz que eu já vira no seu rosto.

A galera ao nosso redor começou a se remexer, algumas pessoas ficando para assistir ao próximo show, outras indo para algum outro local. O Bumbershoot contava com dezenas de artistas se apresentando a qualquer hora, desde nomes consagrados até grupos locais, como os D-Bags. Depois de assistir ao festival do ano anterior com eles, quando Kellan e eu ainda éramos apenas amigos – quer dizer, tão amigos quanto podíamos ser –, era uma coisa meio louca ver o nome deles no cartaz, junto com os outros artistas anunciados. Eu tinha dado um jeito de filar três dúzias desses cartazes como suvenires.

Aos risos, Jenny me deu o braço e me puxou para a lateral do palco. Os D-Bags se dividiam entre dar atenção às fãs e desligar os instrumentos. Kellan pegou sua amada guitarra e, com um sorriso e um aceno de cabeça para mim, desceu nos fundos do palco. Jenny e eu nos aproximamos de uma cerca de metal que isolava essa área do resto dos espectadores. E, como se a cerca já não fosse um aviso bastante claro, dois seguranças de camisa amarela também estavam lá para enxotar o pessoal.

Esperando no ponto onde sabia que Kellan acabaria aparecendo, por um momento desejei ter coragem de me esgueirar por trás da cerca. Queria encontrar Kellan e lhe dar o abraço apertado de parabéns que quase fazia meu peito estourar de orgulho. Mas aquela zona era proibida para os reles mortais, e eu não queria fazer uma cena sendo expulsa por dois marmanjos truculentos que botavam o segurança do Pete's no chinelo.

Suspirei, vendo Matt e Evan abandonarem o palco, enquanto Griffin se debruçava para dar um chupão numa loura, antes de finalmente desaparecer também. Mais uma



vez, desejei que minha irmã estivesse ali. A maioria dos homens achava Anna sexy, e era assim que ela conseguia se enfiar em lugares proibidos para mulheres comuns como eu.

Depois do que pareceu uma eternidade, Kellan saiu, sem a guitarra e acompanhado pelos outros D-Bags. Correndo até mim, saltou por cima da cerca de metal. Os seguranças lançaram um olhar para ele, mas estavam mais interessados em manter pessoas do lado de fora do que do lado de dentro. Uma pequena gritaria irrompeu em meio ao nó de gente que também esperava para ver o seu ídolo do rock, mas ele se dirigiu direto para mim.

Na mesma hora seus braços estavam ao meu redor, me arrebatando num abraço. Diante dessa exuberância, cheguei a achar que seria até capaz de me botar em cima do ombro e rodopiar comigo. Se não tivesse certeza de que ele também me daria algumas palmadas, deixando meu rosto vermelho feito um pimentão, até o deixaria fazer isso. Mas preferia que coisas desse tipo rolassem num ambiente mais íntimo. E Jenny e eu não éramos as únicas garotas à espera da banda atrás do palco.

Aos risos enquanto ele me levantava, tratei de cruzar os braços com força em volta do seu pescoço para que ele não se deixasse levar pela euforia. Seu cheiro invadiu minhas narinas na mesma hora. Aquele aroma inconfundível que era sua mais pura essência. Limpo, másculo, sedutor... um aroma que se impregnava em mim, mesmo nos meus sonhos.

Rindo, Kellan me abraçou com força, comprimindo o ar em meus pulmões até me pôr novamente no chão. Afastando-se, seus olhos de um azul inverossímil brilharam para mim.

– Foi o máximo! Que bom que você está aqui... Gostou do show?

Seus olhos cintilaram sob um raio de sol quando ele me segurou pelos ombros e se inclinou para me olhar. Ri ainda mais ao ouvir sua pergunta. Ele só podia estar brincando. É claro que eu tinha gostado. Tinha adorado vê-lo se apresentar. Sua expressão era tão doce, sua alegria pura como a de uma criança... quase inocente. Segurando seu rosto quente entre as mãos, assenti:

– Adorei. Vocês estavam o máximo! Estou tão orgulhosa de você, Kellan!

Ele abriu um largo sorriso ao ouvir meu elogio, e então pareceu notar algo que lhe escapara antes. As mãos que apertavam meus braços me afastaram um pouco, seus olhos descendo pelo meu peito. Juro que senti o calor aumentar em linha vertical só com esse olhar. Parando no meu umbigo exposto, seus lábios se curvaram num sorriso endiabrado e ele deu uma espiada em mim por baixo dos invejáveis cílios longos. O desejo ardente naquele olhar bastou para me deixar ofegante. Os momentos inocentes de Kellan nunca duravam muito.

– Gostei da sua blusa.

Sua voz era puro sexo derretido. Isso mesmo, sexo... derretido.

Corei até a raiz dos cabelos. Ele ainda era capaz de me fazer sentir como se me olhasse pela primeira vez, não pela milésima. E ainda fazia meu estômago dar voltas de montanha-russa.

Quando eu estava prestes a responder ao seu comentário, Kellan foi atacado. Não literalmente, e sim por mãos femininas que o seguraram pelos braços e o viraram. Rindo de um jeito encantador, ele soltou meus ombros, se deliciando com o carinho das fãs. Algumas me olharam com a sobrancelha arqueada, mas logo me ignoraram. O que, por mim, estava ótimo. Preferia não ser o centro das atenções como ele, se tivesse escolha.

Enquanto Kellan distribuía autógrafos e posava para selfies, eu balançava a cabeça diante daquela situação muito louca. Vivia me esquecendo de que ele era meio famoso. Quer dizer, eu até já estava habituada às garotas no Pete's, mas agora não estávamos lá. Ver que sua popularidade se mantinha mesmo num local público como aquele era uma coisa difícil de assimilar. Enquanto eu assistia, outra garota na multidão que gritava pelas atenções de Kellan abaixou a blusa, expondo as taças do sutiã, e implorou a ele que autografasse seus peitos. Ele me lançou um olhar brevíssimo, mas então concordou... e espaço não faltou para assinar o nome inteiro, se é que você me entende.

Meu rosto ardeu como se pegasse fogo, e senti um nó de tensão no estômago. Eu procurava ficar na minha em relação ao estilo de vida dele, mas ver sua cara enfiada nos peitos da garota enquanto levava toda a vida para assinar o nome com um pilô já era demais. Quando eu pensava em dar um chega pra lá na periguetete, uma mão firme pousou no meu ombro:

– Ele te ama, Kiera. Está só representando.

Olhei para trás, e vi Evan. Ele tinha saído de trás da cerca de metal enquanto eu vigiava Kellan, preocupada. Kellan tinha o poder de fazer isso comigo – me tornar alheia ao mundo. Meu hábito de me envolver tão intensamente com sua vida que tudo ao redor ficava em segundo plano era um ponto fraco meu. Mas eu estava trabalhando nisso.

Evan abriu um sorriso para Kellan, passando o braço tatuado pela cintura de Jenny. A lourinha animada lançou um olhar de adoração para ele. Por ser o rosto da banda, e ainda por cima lindo de morrer, Kellan atraía muito mais atenção do que os outros D-Bags, mas Evan certamente também tinha suas seguidoras. Elas estavam atrás dele naquele momento, esperando que o doce urso de pelúcia se afastasse da namorada.

Seus bem-humorados olhos castanhos me observaram, enquanto ele estendia o outro braço tatuado em direção ao meu namorado:

– Faz parte do trabalho dele aticar o desejo das fãs, entende?

Dei uma olhada em Kellan, agora espremido entre duas garotas que sapecavam beijos no seu rosto, enquanto uma terceira capturava o momento com a câmera. Tive certeza de que a foto estaria na Internet em questão de horas. Suspirei. Pelo menos, selinhos



na boca eram o limite estipulado por ele desde que se tornara meu namorado. Antes, esse limite não existia. E sim, essas fotos também estavam na Internet.

Voltando a olhar para Evan, dei de ombros:

– Eu sei... Só preferia que ele não fizesse isso tão bem. – Minha voz saiu um pouco chateada e Evan riu baixinho, pousando a mão no meu ombro, enquanto se virava para dar atenção às fãs.

Sempre com Jenny do lado, Evan distribuiu autógrafos e bateu papo com totais estranhos no maior bom humor. Jenny também. Afastada da muvuca, fiquei impressionada de ver como os dois pareciam estar à vontade. Eu...? Preferia morrer a fazer aquelas mil apresentações uma atrás da outra.

Olhei de relance para as costas largas de Kellan. Uma mulher estava com a mão plantada na maior indecência num ponto muito baixo delas. Na mesma hora, virei a cabeça. Não fazia sentido ficar olhando, dar corda ao ciúme. Em vez disso, olhei para Matt, que tinha se juntado ao buchicho do seu jeito introvertido. Estava com um ar tão pouco à vontade quanto eu me sentia. Ele gostava de tocar, de estar no palco, de criar e fazer música. Essa era a sua paixão, não ficar de conversa mole com as pessoas. Mesmo assim, ele acenava com a cabeça, amável, posando para algumas fotos e autografando uma ou outra camisa.

De braços dados com Matt, estava sua namorada igualmente introvertida, Rachel. Era uma bela mistura de sangue latino e asiático, com pele bronzeada e cabelos castanho-escuros. Segurava a mão do namorado louro, de cabelos espetados, sem parecer enciumada com as atenções que ele recebia, mas também sem parecer nem um pouco a fim de participar da confraternização. Avesa a multidões, Rachel tinha assistido ao show de um gramado próximo. Era uma garota reticente, ainda mais tímida do que eu... o que significava muito. Rachel rachava um apê com Jenny. Ela e Matt tinham começado a namorar na primavera passada, por volta da mesma ocasião em que Kellan e eu oficializamos nossa relação. O casal discreto ainda estava namorando firme; suas personalidades combinavam às mil maravilhas. Os dois formavam um casal superfofo.

O último D-Bag a se aproximar da galera não era tão fofo assim. Revirei os olhos ao ver Griffin entrar rebolando no meu campo visual, suas mãos tirando casquinhas do que encontravam pelo caminho. Algumas garotas reagiam na base do tapa, outras caíam na risada. Ele sempre voltava às que riam. Seu estilo de dar autógrafos geralmente envolvia a língua. Uma cena que embrulhou meu estômago. Sinceramente, eu não entendia o que minha irmã via naquele cara.

Soltando uma garota em cuja garganta tinha acabado de enfiar a língua, o primo quase idêntico de Matt virou a cabeça, à procura de outras presas. Infelizmente, seus olhos gulosos recaíram sobre mim. Com os lábios finos se curvando num sorrisinho já meu conhecido, ele começou a caminhar na minha direção, e eu, por instinto, recuei.

Griffin era o tipo de pessoa de quem eu preferia manter distância. Suas mãos tinham uma tendência a ser... meio bobas. Afastando para trás das orelhas os cabelos louros que lhe vinham até o queixo, ele estendeu os braços, dando um jeito de roçar os peitos de uma fã ao mesmo tempo.

– Kiera, minha futura amante! Que alegria, ver que você veio me prestigiar! – Levou a mão à bermuda e segurou... os troços. – Gostou do que viu? – perguntou, inclinando a cabeça.

Com vontade de vomitar, dei as costas para me mandar dali. Como eu estava ao seu alcance, ele se aproximou e segurou minha mão. Achei que ia plantá-la nos seus bagulhos, e meus olhos se arregalaram de pavor. De repente, meus dedos foram arrancados dos dele. Interpondo-se entre nós, Kellan deu um empurrão no ombro do amigo.

– Cai fora, Griffin – murmurou, balançando a cabeça e revirando os olhos.

O baixista deu de ombros e arranjou outra garota para passar a mão nele. Dei um suspiro de alívio, me apoiando no corpo de Kellan.

– Obrigada.

Rindo baixinho, Kellan deu um beijo na minha cabeça.

– De nada. Eu sei o quanto você curte conversar com o Griffin. – Estremeci, enquanto Kellan acenava em despedida para algumas fãs que ainda estavam lá, talvez na esperança de que ele ficasse para trás e passasse o dia inteiro batendo papo com elas. Não, se havia alguém com quem eu não suportava conversar, esse alguém era Griffin.

Girando nossos corpos, o braço enlaçando minha cintura com força, Kellan e eu começamos a nos afastar da área privada, de volta à parte principal do parque. De um jeito quase inconsciente, como se o seguissem por toda parte sem nem parar para pensar nisso, os membros da banda começaram a segui-lo. Olhando para trás, vi Matt e Evan caminhando em passos relaxados, os braços em volta das namoradas. Griffin avançava com a mão coçando os troços. De certo modo, eles seguiam Kellan a todos os lugares. Quando os pais tinham morrido, Kellan jogara tudo para o alto a fim de vir morar em Seattle, e eles o seguiram sem hesitar por um segundo. Desde então, moravam todos aqui.

Voltando a prestar atenção no homem ao meu lado, passei o outro braço pela sua cintura, apertando-o com força. Não podia imaginar como aquele dia fora para ele. Era verdade que Kellan tinha boas razões para odiar os pais; ambos haviam sido uns miseráveis com ele, violentos, frios, culpando Kellan por todos os dramas de suas vidas, mas, ainda assim... eram a sua família, os únicos parentes próximos que ele já tivera. E a morte dos dois o deixara profundamente abalado.

Ele só tinha dezenove anos quando os pais morreram. Cansado de sua violência, Kellan fugira para Los Angeles assim que terminara o ensino médio – logo depois da cerimônia de formatura, segundo seu relato. Não lhes disse que ia embora, nem eles



se deram ao trabalho de tentar encontrá-lo. Kellan me contara uma vez que, quando finalmente ligou para eles, alguns meses depois de desaparecer, a fim de informar seu paradeiro e mostrar que pelo menos ainda estava vivo, os dois se mostraram totalmente indiferentes. Era como se já tivessem cumprido sua missão, e ele pudesse viver ou morrer por conta própria. Era um milagre que Kellan não fosse uma pessoa altamente perturbada.

Idiotas.

Foi preciso que Griffin se aproximasse e desse um tapa nas costas de Kellan para me arrancar daquelas lembranças sombrias. Com Matt e Rachel atrás dele, apontou para uma banda que tocava a distância. Dava para ouvir a batida de rock pesada em meio ao mormaço.

– Estamos indo dar uma olhada nas outras bandas. Estão a fim de vir?

Kellan olhou para Evan e Jenny, mas os dois trocavam um olhar de felicidade, absor-tos demais em sua conversa a meia voz para ouvir a discussão em meio ao vaivém de gente ao nosso redor; algumas mulheres que passavam por ali olhavam para os caras como se lhes parecessem familiares, mas nenhuma chegava a parar por mais de alguns segundos.

Olhando para mim, Kellan já ia perguntando o que eu queria fazer, quando meu corpo respondeu por mim: meu estômago roncou tão alto, que até Jenny interrompeu seu momento de ternura para rir. Fechei os olhos por um segundo, sentindo o corpo de Kellan rindo baixinho de mim. Entreabrindo apenas um olho, tentei fazer uma cara brava para ele. Achando isso ainda mais engraçado, Kellan riu mais alto.

Olhando para Griffin, Kellan fez que não com a cabeça:

– Acho que vamos comer alguma coisa primeiro. – Dando um tapa nas costas de Griffin, acrescentou: – A gente te encontra mais tarde.

Após um momento olhando para os primos fisicamente parecidos que se afastavam e misturavam à multidão ao redor, Kellan sorriu para mim:

– Vai uma comidinha aí, Saco Vazio?

Dei um risinho de desdém, revirando os olhos, mas no momento seguinte seus lábios estavam nos meus e eu já não me importava nem um pouco que ele estivesse implicando comigo. Com sua mão roçando meu rosto ao passar os dedos pelos cabelos acima das minhas orelhas, seus lábios quentes guiando os meus com habilidade enquanto forçava um pequeno espaço entre nossas bocas, a ponta de sua língua logo avançando ao encontro da minha, eu já não me importava com mais nada.

Minha mão segurou seus cabelos com força. Tentei virar sua cabeça de tal jeito que sua língua macia e cariciosa cobrisse a minha inteira. Se percorresse o meu corpo inteiro também seria ótimo... Rindo, ele se afastou da minha boca. Aquele breve momento de intimidade foi o bastante para fazer meu coração disparar e o fôlego ficar curto. Com que facilidade ele me excitava...

Com um sorriso maroto, ele inclinou a cabeça.

– Precisa de um minuto? – sussurrou, arqueando uma sobrancelha.

Recobrando os sentidos, dei um tapa no seu peito e já ia me virando para sair dali a passos duros. Eu não tinha pensado, pouco tempo antes, que precisava me esforçar para não deixar que Kellan me absorvesse completamente? Hummm, minha intuição dizia que eu iria passar um bom tempo trabalhando nisso. Ainda me sentindo um pouco atordoada, tratei de me dirigir à praça de alimentação. Rindo um pouco mais alto, Kellan segurou meu cotovelo e me girou em outra direção.

Sorrindo daquele jeito sedutor, diabólico, que só ele sabia fazer, meneou a cabeça em direção a um caminho asfaltado, do outro lado do local para onde eu me dirigia.

– A comida fica daquele lado. – Com o sorriso se alargando, acrescentou: – A menos que você tenha alguma outra coisa em mente...? – Na mesma hora fantasiei que encontrava um cantinho discreto no espaço gigantesco e deixava aquela língua fazer... as coisas mais divinas e maravilhosas comigo. Prendi a respiração.

Procurando afastar aqueles pensamentos tórridos da cabeça, comecei a marchar pelo caminho a fim de satisfazer o único desejo a que estava disposta a ceder ali. Não iria me permitir fazer sexo em público com meu namorado roqueiro. Por mais que ele fosse gostar disso, eu tinha um mínimo de autocontrole.

Ainda aos risos, achando graça de mim, Kellan me alcançou em dois tempos e voltou a passar o braço pela minha cintura. Sorrindo para mim enquanto Evan e Jenny ajustavam o passo atrás de nós, ele murmurou:

– Que gracinha. O que vou fazer com você?

Quando chegamos aos quiosques de pizza, eu já tinha pensado em pelo menos uma meia dúzia de coisas que ele poderia fazer comigo.

Quando todos já estávamos saciados de comida e música, além de lembranças o bastante para gravar aquele dia em nossas memórias para sempre, voltamos a nos encontrar na área atrás do palco, para que a banda pudesse recolher seus instrumentos. Menos Evan. Como a bateria era um elefante branco, todas as bandas usavam a mesma. A única exceção ficava por conta dos artistas famosos, que preferiam usar suas próprias baterias.

Com os estojos dos instrumentos a tiracolo, os D-Bags chamaram ainda mais atenção do que antes. A despeito de uma saída no parque reservada para os membros das bandas, Griffin, como era de se esperar, fez questão de sair pelo portão principal. De todos, era o que mais curti ficar no centro das atenções. E já estava vivendo os seus quinze minutos de fama.

Parando para distribuir mais autógrafos e tirar fotos com fãs, levamos uma eternidade para chegar ao estacionamento. Jenny me deu um abraço rápido e disse que me veria no trabalho no dia seguinte. Com um de seus abraços de urso, Evan também disse, brincalhão, que me veria no trabalho no dia seguinte.



Sorrindo para eles, acenei em despedida enquanto se dirigiam para o carro de Jenny, provavelmente a caminho do Pete's, pois Jenny iria trabalhar aquela noite. Eu tinha tirado a noite de folga para poder ficar com Kellan. Por causa do show à tarde no Bumber-shoot, ele e os amigos não iriam se apresentar no bar. Não que isso fosse impedir os D-Bags de passar a noite lá do mesmo jeito; eles não conseguiam ficar longe do Pete's por muito tempo.

Dei um meio abraço em Matt, parabenizando-o. Ele não demonstrava seus sentimentos tão abertamente quanto Evan, e eu tentava respeitar o nível de extroversão que o deixava à vontade. Sorrindo com ar tímido para mim, ele me agradeceu por vir, enquanto Rachel apenas sorriu e se despediu com um aceno. Matt guardou seus instrumentos e os de Griffin e entrou na Vanagon do primo.

Griffin, talvez notando que eu estava distribuindo abraços para os D-Bags, decidiu que queria ser um D-Bag também. Checando o próprio hálito na palma da mão, veio avançando a passos largos na minha direção. Estendi a mão para detê-lo, mas acho que foi o pigarro alto de Kellan que funcionou como spray paralisante. Revirando os olhos, Griffin se contentou em acenar.

– Estamos indo para o Pete's. Vemos vocês outra hora.

Kellan riu e deu um tapa nas costas dele antes de se virar e abrir a porta do seu classudo carrão *vintage* – um Chevelle Malibu de 1969, pelo que me dissera várias vezes. De um preto reluzente, coberto de cromo por toda parte, provavelmente era o único bem, além das guitarras, a que Kellan dava valor. Ele o tinha comprado barato em Los Angeles e passado um bom tempo dando uma turbinada no Chevelle, naquele primeiro verão após conquistar sua liberdade.

Sentando no banco de couro, ele olhou para mim quando entrei.

– Sua casa ou a minha? – perguntou, exagerando a sensualidade do tom de voz.

Caí na risada, me inclinando para beijá-lo. Tentando manter nosso relacionamento tranquilo, em vez de mergulhar direto na zona tórrida para onde descambávamos com tanta facilidade, Kellan e eu ainda estávamos vivendo separados, tocando as coisas devagar.

– A minha – respondi com voz arfante, tentando ser tão sensual quanto ele, mas na certa dando o maior vexame. Mesmo assim, ele mordeu o lábio ao olhar para meu rosto. Corando no ato, eu me recostei no assento, afastando uma mecha de cabelo para trás da orelha. – Anna vai chegar tarde, de modo que vamos ter o apê todinho para nós.

Com um sorriso ainda mais largo, ele deu a partida no carro, o motor possante roncando alto, seu rugido de fera tão sexy quanto o sorriso de Kellan. Sentindo o rosto pegar fogo, balancei a cabeça e acrescentei:

– As aulas na faculdade vão recomençar em breve, de modo que vou ter que meter a cara nos estudos.

Não era nada disso que eu estava a fim de fazer aquela noite, mas o olhar intenso dele incendiava o meu corpo, e eu detestava o poder de mexer comigo que ele tinha. Gostaria de ser mais sutil na sua presença.

Torcendo os lábios, ele pareceu conter uma risada.

– Hum-hum, meter a cara nos estudos. Tudo bem. Sou ótimo em... meter a cara. – Abrindo um súbito sorriso de parar o coração, ele arrancou o carro do local onde tinha bombado aquela tarde.